

## **RESENHAS**



# **Nosso vizinho Kaingang**

*Jó Klanovicz\**

As relações de vizinhança são mais que simples saudações, conversas amenas, sorrisos. Elas engendram outros processos tais como a observação mútua de comportamentos, de atitudes, de costumes e de hábitos, os quais constituem material que pode alicerçar preconceitos sociais ou então combater vários deles. Contudo, quer adotemos uma postura contrária ou favorável ao nosso vizinho, temos de reconhecer que ele está ali, do nosso lado, presente, observador dos nossos comportamentos. É inegável a sua existência, assim como é inegável admitirmos que ele constrói de forma cotidiana a sua história.

Entretanto, a história de Santa Catarina muitas vezes relegou vários vizinhos dos colonizadores a segundo plano, deixou-os “invisíveis” de forma oficial. Vários deles, tais como algumas populações indígenas, foram tratados como vizinhos inoportunos, embora estivessem em contato, e ainda estão.

Com o intuito de dar visibilidade à história quase que “invisível” dos indígenas Kaingáng da Terra Indígena Xaçecó, no município de Ipuacu, no Oeste catarinense, a etno-historiadora Ana Lúcia Vulfe Nötzold apresenta ao leitor a obra *Nosso Vizinho Kaingáng*. Nötzold é historiadora, doutora em etno-história pela Universidade de Poitiers, França, onde trabalhou com as representações elaboradas acerca dos Tupinambá pelos europeus no século XVI. Atualmente é professora do Departamento de História da UFSC e coordenadora do Laboratório de História Indígena (LABHIN) na mesma instituição. É neste espaço que a profa. Dra. Ana Lúcia vem estabelecendo o ponto de convergência de pesquisas relacionadas à história indígena em Santa Catarina, tecendo muitas vizinhanças com os povos indígenas do estado.

Por meio de uma narrativa leve, prazerosa e de rigor analítico, *Nosso Vizinho Kaingáng* nasceu com a proposta de recuperar a trajetória histórica do contato entre índios e não-índios, enfatizando a História e a Memória dos Kaingáng que está sendo constantemente reelaborada através da escola existente na TI Xaçecó. No atual contexto de crise de identidades, parte de um processo amplo de mudança, Nötzold afirma que para os Kaingáng a escola de ensino

bilingüe, única em toda Santa Catarina, está favorecendo o “fortalecimento da identidade, quando buscam retomar práticas tradicionais que estavam caindo em desuso e buscam valorizar símbolos e rituais de seus antepassados.”

A historiadora dirige sua análise à escola indígena, encarando-a não somente como um local,

[...] para se ensinar e se aprender e sim um órgão aglutinador, onde os processos ensino-aprendizagem, juntamente com o fortalecimento da cultura e das práticas específicas Kaingáng, realizam as etapas necessárias para o processo socializador.

O livro está dividido em três capítulos. O primeiro é intitulado “A trajetória da implantação do ensino diferenciado: o caso Kaingang do Xapecózinho-SC” e objetiva historicizar a trajetória destes indígenas na busca pela implantação de um currículo diferenciado. Embora a comunidade tenha um histórico de atendimento escolar ainda que precário desde 1912, o processo de luta por um ensino de primeiro grau passou a ser gradativamente atendido somente a partir de 1989. Segundo a historiadora, o processo de conquista do ensino de 5ª a 8ª série significou o primeiro passo de muitas outras lutas por parte dos Kaingáng, no sentido de assegurar a manutenção de suas práticas socioculturais. Logo a seguir viriam a formulação de uma grade curricular específica, além da inserção de professores indígenas em sala de aula.

O segundo capítulo revela, através de fontes iconográficas produzidas pelas próprias crianças da reserva, a reelaboração cotidiana da história local e regional, desde o período anterior ao contato com a população não-indígena. Com o título de “Pré-História” este trecho revela a visão indígena sobre a sua própria história, que permanece viva e em constante mudança, através de um processo de seleções de memória.

Por fim, Nötzold dá visibilidade, no terceiro capítulo, aos “Primeiros Contatos” entre os Kaingáng da região Oeste e os não-indígenas. Trata-se mais de um capítulo onde a autora buscou

aglutinar, classificar, organizar e sistematizar as informações sobre essa etnia através da exposição clara de pesquisas já realizadas. A historiadora percorre a etimologia da palavra Kaingáng, designação atribuída ao grupo em 1882 por Telêmaco Borba para indicar os povos não-guarani de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Um aspecto importante ressaltado por Nötzold diz respeito ao processo de aldeamento dos Kaingáng, permeado de encontros e desencontros entre indígenas e não-indígenas através dos quais uma série de negociações tanto materiais, territoriais quanto simbólicas permeiam personagens como Vitorino Kondá, Viry, além de instituições como o SPI (Serviço de Proteção ao Trabalhador Nacional e aos Índios), o Governo da Província e depois do Estado de Santa Catarina, mas também autoridades do Paraná e do Rio Grande do Sul.

Apoiando-se em grande volume de fontes, vasto material bibliográfico e iconográfico, com produções da própria Terra Indígena Xapecó, Nötzold também se utiliza das fontes orais, dos relatos de professores da reserva e de representantes indígenas para traçar o percurso de uma história de vizinhos que, muitas vezes relegados ao plano do “passado”, constroem sua história de futuro, com consciência da importância da manutenção da identidade étnica.

## **Notas**

\*Doutorando em História - Universidade Federal de Santa Catarina

## **Referências bibliográficas**

NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe. Nosso Vizinho Kaingáng. Florianópolis: Imprensa Universitária, UFSC, 2003. 100p. R\$10,00.